

## UM CURRÍCULO DE MASCULINIDADES NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

Gustavo Andrada **Bandeira** – UFRGS

Agência Financiadora: CNPq

Início de conversa

*Não se nasce homem, torna-se homem.* A famosa frase de Simone de Beauvoir não é bem assim, mas é esse entendimento que me permite iniciar esse trabalho. Essa frase apresenta a ideia de que a masculinidade é uma construção que aqui adjetivo de cultural. Construção cultural do masculino que pretendi investigar para minha dissertação de mestrado. Em verdade, tratava-se de investigar não uma regra ou um conjunto eficaz de ações detalhadamente planejadas que formulariam um sujeito masculino, mas sim, sugestões ou incitamentos valorizando algumas associações e não outras para as construções de masculinidades em um contexto cultural específico.

Investigar masculinidades em contextos culturais específicos pode se constituir em mais uma tentativa de demonstrar a não existência de um único tipo de masculinidade. A falta de ambição universalizante também mostra um entendimento de que as identidades são fragmentadas, múltiplas e plurais. Um sujeito com vivências masculinas também é atravessado por outros marcadores identitários tais como classe social, raça/etnia, geração, sexualidade e outros.

Nesse entendimento a própria masculinidade num contexto cultural específico não é uniforme. Várias masculinidades podem ser vividas em um mesmo local. Obviamente, não estou afirmando que elas relacionam-se harmoniosamente, ou que gozam de estatutos idênticos de legitimação. Olhar para as masculinidades em um contexto cultural específico é tentar enxergar como as diferentes masculinidades são representadas e hierarquizadas

Dentre as diferentes instâncias e contextos que produzem valores de gênero, que fazem circular entendimentos sobre o que sejam masculinidades e/ou feminilidades ‘adequadas’<sup>1</sup>, voltei meu olhar para os estádios de futebol. Entendo os estádios de futebol como um contexto cultural específico, como um local que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades. Busquei investigar como nos estádios de futebol, frequentados por torcedores em Porto Alegre (Beira-Rio, do Sport Club Internacional e

---

<sup>1</sup> Utilizo aspas simples no texto quando procuro fazer algum destaque ou utilizar as palavras com outros sentidos que não os convencionais; o uso de aspas duplas aparecem quando utilizo citações, palavras e/ou expressões de outros autores.

Olímpico, do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense), são representadas diferentes formas de masculinidades e como elas hierarquizam-se.

### Masculinidade: uma construção

Segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, da Encyclopaedia Britannica do Brasil, masculinidade seria a “qualidade do masculino ou másculo; virilidade” (1990, p. 1108). Masculino, por sua vez, seria o “que pertence ao sexo do varão ou dos animais machos; próprio de homem, varonil” (1990, p. 1108). Para não seguir em uma insistente busca dos significados que invariavelmente me remeteriam apenas de significante em significante, faço alguns questionamentos iniciais a fim de tensionar determinadas produções de masculinidades. Afinal, o que seria “qualidade do masculino”? Esse termo é produtivo no singular? E, o que é “próprio do homem”? Próprio de que homem? De que conjunto de homens? Em que contextos culturais? Masculino é melhor entendido como uma característica dos “animais machos” ou como uma construção?

Minha investigação abordou as construções de masculinidades em um contexto cultural específico. Para pensá-las em um contexto cultural específico, foi importante saber o que me permitiu indagar as masculinidades e, mesmo antes disso, o que me permitiu dizer que as masculinidades podem ser entendidas como uma construção.

Para tanto, utilizo o conceito de gênero ancorado nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais. A definição mais inicial do conceito refere-se ao caráter construído de masculinidades e feminilidades. Em nossa cultura, gênero é um elemento definidor de inteligibilidade, “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero” (BUTLER, 2003, p. 27). Dagmar Meyer (2003) aponta para quatro implicações importantes ao se utilizar o conceito nessa perspectiva. A primeira delas é entender que nos tornamos “sujeitos generificados” através de diferentes práticas ao longo de nossas vidas em um processo não linear ou evolutivo. A segunda implicação aponta para o fato de que as formas de viver masculinidades e feminilidades não podem ser entendidas fora de tempos e lugares específicos, o que pressupõe que existem diversas formas de serem vividas feminilidades e masculinidades. Em função dessa pluralidade, o conceito ganha potência quando se pensa sua articulação com outros marcadores sociais, tais como sexualidade, classe, geração, nacionalidade, raça/etnia, e, ousou acrescentar clube de futebol... O terceiro desdobramento do conceito aborda as relações entre os “sujeitos de gênero”, considerando que as construções de masculinidades estão

relacionadas com produções de feminilidades. Nesse caso, não é possível isolar um suposto ‘mundo dos homens’ de um suposto ‘mundo das mulheres’. Não se deve entender que essas construções sejam apenas a separação entre diferentes atores, mas é a construção de posições valorizadas de forma distinta. A última implicação aponta

(...) que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou resignificação (p. 18).

Nessa perspectiva, gênero é irreduzível a qualquer aspecto essencial biológico, cultural ou outro, ele ‘se faz’ no cotidiano. “O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (BUTLER, 2003, p. 37). Ao se produzir o que se entende como adequado para os diferentes gêneros, diferentes processos pedagógicos são postos em ação. Nessa perspectiva não há qualquer posição-de-sujeito fixa ou definitiva. Por não ser uma simples extensão de características biológicas, os gêneros estão diretamente envolvidos com processos de aprendizagem.

Estádios de futebol e educação?

Mas afinal, por que pesquisar representações de masculinidades nos estádios de futebol em Educação? Talvez seja necessário retomar alguns conceitos que me permitam relacionar a pesquisa empreendida nos estádios com esse campo do saber.

A própria definição de educação na Constituição Federal brasileira me permite uma primeira aproximação: “[educação] é o processo formativo que visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mundo do trabalho” (MENEZES; SANTOS, 2002). A partir desta afirmação, parece-me produtivo questionar: quais são os processos formativos que visam à construção de um sujeito masculino e seu preparo para o exercício ‘adequado’ de masculinidade? É possível pensar em distintos processos que se realizem em distintos contextos, tais como os estádios de futebol?

Para além dessa definição, o próprio conceito de gênero na perspectiva pós-estruturalista permite-me fazer a associação entre masculinidades e educação. Como dito anteriormente, um dos desdobramentos do conceito aponta para a irreduzibilidade do mesmo a qualquer aspecto ‘natural’ ou essencial. Aprende-se a ser masculino e/ou feminino dentro de processos culturais que ensinam formas adequadas de ‘exercer’ determinado gênero em uma cultura específica. Esse processo – que efetivamente pode ser chamado de educativo – é

contínuo e infinito. Não existe um ‘lugar’ que garanta determinado gênero para todo o sempre e de forma inequívoca.

Artefatos culturais, tais como os programas televisivos, peças publicitárias, cinema, brinquedos, matérias de jornais, jogos de futebol... não são entendidos apenas como informação ou entretenimento. Do ponto de vista pedagógico “trata-se (...) de formas de conhecimento que influenciarão o comportamento das pessoas de maneiras cruciais e até vitais” (SILVA, 2003a, p. 140).

Os estádios de futebol possuem, ou talvez fosse mais apropriado dizer exercem, uma pedagogia. Podendo pensar em uma cultura de estádios de futebol, é necessário um processo de aprendizagem para que os sujeitos possam ser introduzidos nessa cultura. “A produção das competências necessárias à apreciação futebolística são elas próprias produzidas pelo campo do futebol de espetáculo” (DAMO, 2005, p. 56). Estar em um estádio de futebol significa passar por diferentes pedagogias. É necessário aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir... “A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais” (Ibidem, p. 43-4).

#### Formas de olhar para o espetáculo futebolístico

Após um início de conversa, uma introdução conceitual e a primeira aproximação do tema pesquisado com a Educação, passo agora a explicitar os caminhos que trilhei na construção do material empírico. Quais foram as estratégias, que ‘esquema tático’ adotei. O que busquei nessa investigação, a partir dos estudos de gênero pós-estruturalistas e dos estudos culturais, foi observar as diferentes representações de masculinidades nos estádios de futebol e ver de que forma essas são hierarquizadas. Tentei assim produzir uma leitura que me permitisse visualizar o que constitui ou como se constituem essas diferentes representações. Para atingir esta proposição, fiz uso de algumas perguntas que demonstraram algumas de minhas curiosidades e inquietações. Quais representações de masculinidades aparecem nos estádios de futebol? Como são marcadas as hierarquias entre diferentes representações? De que forma os torcedores são convocados a participarem dos jogos?

Produzir um caminho de pesquisa, um trajeto desde uma perspectiva teórica que não promete soluções para todos os problemas pode ser comparado com a montagem de uma equipe de futebol. Aqui é definitivo planejar uma estratégia de ‘jogo’. Como não há mais certeza de um saber científico a ser aplicado para qualquer situação, parece importante estudar

diferentes possibilidades para que a equipe ‘ataque’ e ‘defenda’ com qualidade ou que o pesquisador consiga inventar alguns caminhos sem perder o rigor metodológico.

Não existe uma obrigatoriedade de construir métodos investigativos fechados tal qual as regras do futebol. A perspectiva pós-estruturalista aponta para a possibilidade de uma “transgressão metodológica (...) constituída pelas práticas já existentes, mas acrescida daquelas que pudermos e necessitamos criar” (CORAZZA, 2002, p. 126). Penso que o pesquisador, aqui, está mais próximo de um jogador de futebol que do árbitro de uma partida. É preciso obedecer a um esquema tático, mas também é possível uma improvisação em busca do gol, isto é, dos objetivos, que para serem alcançados. Ao contrário do árbitro que é aquele que delimita as possibilidades do jogo dentro de regras claras e pré-estabelecidas (apesar das sempre discutíveis interpretações das regras), o pesquisador necessita de alguma sensibilidade para saber a hora de arriscar uma ‘subida ao ataque’.

Para cada ‘adversário’, ou com cada ‘grupo de jogadores’ um esquema tático mais adequado. Da mesma forma que não é adequado colocar um lateral direito para jogar em qualquer posição, parece não ser adequado utilizar uma metodologia sem estreita articulação/conexão com o problema específico de investigação.

Entendo que uma das principais dificuldades na construção de uma investigação está posta na produção da metodologia a ser utilizada para a construção do material empírico. Ir aos estádios e fazer exatamente o quê? Como saber a forma adequada de atuar nos estádios? Ficar observando? Fazer entrevistas? Conversar com os dirigentes, os jornalistas?

Entre as escolhas permiti-me fazer alguns usos de uma etnografia pós-moderna, da forma como esta vem sendo utilizada nas pesquisas em educação, com observações participantes e construção de diários de campo. Para não ficar apenas com as impressões dos torcedores, pareceu-me produtivo analisar jornais da cidade de Porto Alegre, nos dias de jogos e posteriores, com objetivo de observar como os mesmos ‘preparam’ o ambiente dos estádios e depois como interpretam os fenômenos que lá ocorreram.

A seleção desses diferentes materiais, as manifestações das torcidas nos estádios e os textos veiculados em jornais, pretendeu contemplar diferentes vozes desse contexto. A ideia foi partir desses diferentes olhares para produzir um outro olhar sobre as representações de masculinidades que ali aparecem. Mas o que observar nesse imenso mundo que são os estádios de futebol?

Procurei observar as ações dos torcedores durante os jogos, observá-los enquanto grupo, ver quais ações realizam coletivamente. Olhar esses dois atores sociais: ‘torcida do Internacional’ e ‘torcida do Grêmio’ em dias de jogos em seus respectivos estádios. Optei

também por não fazer entrevistas pela dificuldade de escolher atores privilegiados e, principalmente, por meu interesse em observá-los como multidão, ou seja, interessava-me conhecer quais comportamentos são permitidos e autorizados nesse contexto específico, em grupo.

Nos estádios de futebol as participações em gritos coletivos ou individuais obedecem a indicativos do grupo, do local que se frequenta, onde “ritos orais (...) põem em ação somente sentimentos e idéias coletivas, e têm até a vantagem de nos deixar entrever o grupo, a coletividade em ação ou mesmo interação” (MAUSS, 1979, p. 149). Permito-me pensar que os torcedores ao gritarem estariam ligados a uma espécie de doutrina como entendida por Michel Foucault, ou seja, algo que “liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; (...) ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros” (2006, p. 43). Essa doutrina ligaria os torcedores entre si, pois nessas práticas “aparentemente, a única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de certa regra – mais ou menos flexível – de conformidade com os discursos validados” (Ibidem, p. 42).

Esta pesquisa me permitiu pensar em um certo tipo de currículo de masculinidade e também um currículo de torcedor de futebol. Tal currículo apontaria para processos educativos, quase sempre não formais, que permitem que os sujeitos se coloquem em determinada comunidade afetiva, em determinado grupo identitário, dentro de uma doutrina. Uma das formas mais significativas de mostrar esse pertencimento é através de marcas corporais, que no caso das torcidas de futebol fica evidente na utilização das camisas dos respectivos clubes. O entendimento de educação na produção dos sujeitos de um determinado discurso implica pensar que existe um processo de aprendizagem para entrar em uma determinada prática discursiva.

Nos jornais selecionados, observei dois conjuntos de textos diferentes: os veiculados pelas equipes de marketing dos clubes e os dos jornalistas, tanto os que anunciam a partida como os feitos pelos comentaristas. Esses textos permitiram-me problematizar a forma como os torcedores são convocados a participarem dos jogos de seus clubes e quais narrativas são produzidas pelos *especialistas* sobre os jogos que observei.

Nessa pesquisa não se tratou de estádios quaisquer. Os estádios em questão foram o José Pinheiro Borda, Beira-Rio, do Internacional, e o Olímpico Monumental, Olímpico, do Grêmio. Além dos estádios, essa pesquisa não tomou como objeto genéricas torcidas de futebol, mas as torcidas de Internacional e Grêmio. Os torcedores da dupla Gre-Nal possuem

suas especificidades, como a rivalidade, que aparece como um elemento constituidor de grande parte das significações e dos entendimentos de pertencimento.

#### Tornar-se torcedor e masculino através de um currículo

Assim como “un verdadero espectador de telenovelas deberá formarse en años, no en semanas” (MIRZOEFF, 2003, p. 41), os torcedores de futebol que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Os cânticos repetidos, performances executadas e emoções explicitadas são didaticamente empregados, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios.

“Como local de conhecimento, o currículo é a expressão de nossas concepções do que constitui conhecimento” (SILVA, 2003b, p. 63). O conceito de currículo da ‘ciência’ pedagógica parece-me produtivo para pensar as práticas exercidas nos estádios de futebol. Dois desdobramentos do conceito potencializam o uso que pretendi fazer dele.

No primeiro, currículo pode ser entendido como “lugar, espaço, território. (...) trajetória, viagem, percurso” (SILVA, 2003a, p. 150). Esta compreensão me permite indagar: Quais os percursos sugeridos, trajetórias indicadas ou roteiros de viagem oferecidos para os torcedores de estádio? Como acontecem as socializações para a aprendizagem ‘correta’ de uma masculinidade nesse espaço?

A segunda possibilidade do conceito de currículo aparece em relação à ‘seleção de conteúdos’, “o currículo é sempre resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo” (SILVA, 2003a, p. 15). Quais conteúdos estão em pauta quando se pensa a masculinidade privilegiada dos estádios de futebol? O que aparece como relevante a ser aprendido nessa forma de socialização?

Todo currículo tem um resultado como objetivo. Um currículo tem um sujeito pensado para o final de sua trajetória. Um sujeito não apenas com alguns conhecimentos específicos, mas um sujeito com determinadas condutas, dentro de alguns modelos e respeitando alguns padrões. David Hamilton aponta que, nas primeiras aparições do termo curriculum, no século XVII, esse “deveria não apenas ser ‘seguido’; deveria também ser ‘completado’” (1992, p. 43). Uma pergunta importante nos questionamentos sobre currículo é o que se espera dos sujeitos que ‘completarão’ aquele currículo. O que se quer desses sujeitos após tal “viagem”? O que eles deverão ter aprendido? Enfim, o que se quer dos sujeitos socializados por

determinados currículos? No caso deste trabalho, o que se espera dos torcedores de futebol quando esses ‘completarem’ um ‘currículo de masculinidade’?

O currículo não é aqui entendido como um caminho de início, meio e fim, onde os sujeitos sairiam de uma condição de não aptos até um lugar onde seriam diplomados e dali em diante poderiam ‘exercer’ a condição de homem ou de torcedor em qualquer contexto cultural. O currículo seria mais bem entendido, aqui, se pensado como uma série de prescrições, algo que os sujeitos são reiteradamente convidados a fazer.

Outra potencialidade do conceito de currículo é a relação não causal entre seus ‘alvos’ e seus ‘resultados’. Como todo o percurso “mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso” (LOURO, 2004, p. 16). O que os sujeitos fazem com os currículos nem sempre (ou quase nunca) corresponde exatamente ao que lhes é proposto ou apresentado, “nós somos o que nos tornamos, o que significa que podemos também nos tornar, agora e no futuro, outra coisa” (SILVA, 2003b, p. 26). A irrupção, a incerteza e a imprevisibilidade talvez sejam as grandes potencialidades da relação entre currículo e masculinidade.

No currículo do torcedor de futebol, a escolha por um clube parece ser uma das primeiras e mais significativas atividades. Além do clube, existem outros códigos que são disputados na legitimação de um ‘verdadeiro torcedor’ ou de formas adequadas de ser um torcedor em determinados espaços. Pensar neste processo como um currículo é observar que práticas são sugeridas (ou exigidas) para que o sujeito possa nomear-se e ser nomeado como torcedor de futebol de determinado espaço. Também é produtivo pensar nos textos<sup>2</sup> que circulam antes dos jogos, oferecendo possibilidades, preparando o ‘ambiente’ das partidas.

O currículo de masculinidade do torcedor de futebol pode aparecer nas práticas, de forma não muito sistemática. Ele pode, também, ser uma norma prescritiva, explicitamente endereçada aos sujeitos que pretendem frequentar determinado setor do estádio, como esse texto publicado no site da Popular do Internacional:

Devido ao crescimento do movimento e ao grande número de torcedores que passaram a frequentar o setor Popular Placar e que não conhecem nossos princípios, esclarecemos abaixo importantes detalhes: Só frequente o nosso setor se você realmente estiver disposto a cantar; não é necessário gritar, apenas cante sem atropelos e acompanhe o núcleo que coordena os cantos; Não puxe cantos em paralelo de locais isolados e longe do núcleo; Com certeza a visão para o campo estará sempre prejudicada pelas barras verticais, portanto se você vai ao estádio só

---

<sup>2</sup> Tomo o conceito de texto de modo ampliado, não restringindo-o apenas as palavras, mas toda uma série de significantes. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, “nas análises educacionais considera-se como ‘texto’ uma gama ampla e diversificada de artefatos lingüísticos: um livro didático, uma lei educacional, um guia curricular, uma fotografia, uma ilustração, um filme, uma intervenção oral” (2000, p. 107).



para ver o jogo e não quer ter sua visão prejudicada, procure outro setor. As barras estarão sempre esticadas e não serão atendidos pedidos para que sejam retiradas; Evite se pendurar nas barras e ficar puxando as mesmas, elas não foram feitas para isso; As pequenas bandeiras de mão servem para ser tremuladas durante o jogo inteiro; não reclame que elas estão atrapalhando a visão do campo; Não fique em pé na mureta frontal; Cada torcedor é responsável pelo seu material, portanto fique sempre de olho no seu; Não vá ao estádio com camisas/uniformes de outros clubes/movimentos. Nosso uniforme é a camiseta do Inter de qualquer época, sem exceções; Seja sócio do Inter, vale a pena; Coopere com bobinas e papel picado para um espetáculo mais bonito, porém aguarde o momento exato da entrada do time em campo para jogá-los; A concentração antes do jogo ocorre no bar do véio Moacir, e minutos antes do jogo no tunel do portão 7; Evite criar polêmicas e discussões inúteis no Orkut. Todas as decisões são tomadas nas reuniões. Portanto se você tem idéias, sugestões e críticas, compareça nas reuniões. Enfim, se você não está disposto a seguir estas orientações, a Popular Placar não é o setor indicado para você frequentar. Divulgue essas informações e traga sempre sua disposição para ajudar nosso querido Colorado a vencer cada batalha (GUARDAPOPULARCOLORADA.COM).

Outras ações também ocorrem de maneira mais explícita durante os jogos. Durante dois jogos do Grêmio, no Olímpico, foi possível observar duas ações didáticas para ensinar que os jogadores da equipe da casa devem ser apoiados sempre. No jogo contra o Novo Hamburgo, um torcedor reclamou do jogador Adílson. Após esse fazer uma boa jogada outro torcedor provocou: “xinga agora”, o que acabou gerando uma breve discussão com o segundo torcedor afirmando que todos deveriam ser apoiados. No jogo contra o Sapucaense, observei que alguns torcedores nas arquibancadas reclamavam do jogador Nunes. Um deles gritava “Dá vermelho pro Nunes”; “Expulsa o Nunes pelo amor de Deus”; “Nunes pede pra sair”. Imediatamente, outros torcedores começaram a vaiar o torcedor que criticava o jogador e passaram a aplaudir o atleta quando esse pegava na bola.

### Um currículo de masculinidade do torcedor de estádio

A partir do entendimento de que os sujeitos são ensinados por diferentes ações, formas de pertencimento clubístico e também modos ‘adequados’ de ser masculino nos estádios de futebol, apostei em um currículo de masculinidade do torcedor de futebol de estádio. Mas afinal, que currículo é esse? Que percurso ou trajetória são pensados ou sugeridos para os torcedores? Quais são os ‘conteúdos programáticos’? Que ‘textos’ fazem parte deste processo?

Os ‘materiais didáticos’ dessas construções são múltiplos. Os repetidos cânticos da torcida, os artigos e comentários veiculados nos jornais, as manifestações oficiais do clube através de peças publicitárias ou via alto-falantes nos dias dos jogos... Tentarei nesta segunda etapa do texto sistematizar esse currículo de masculinidade do torcedor de futebol.

Sem propor uma classificação ou separação definitiva, acredito que alguns dos conteúdos possuem maior relação com a construção do torcedor de futebol do que com a masculinidade desses sujeitos. Em um esporte onde as masculinidades aparecem de forma tão privilegiada, por vezes corre-se o risco de tomar toda a produção do torcedor como produção de masculinidade.

Sistematizei os conteúdos deste currículo em torno de quatro eixos: 1) Raça, garra e luta; 2) Violência e socialização; 3) Um amor de macho; 4) Masculinidades subalternas.

Raça, garra e luta: uma masculinidade com algo mais

Para os jogadores de futebol obterem êxito em um dos grandes clubes de Porto Alegre não basta ter boa capacidade técnica; é necessário vincular-se às representações desses clubes e, no presente caso, a uma representação de futebol gaúcho. O meia Roger foi advertido por diversos especialistas que sua qualidade técnica seria insuficiente para conquistar a torcida do Grêmio. Luta, raça, garra e empenho apareciam como necessidades básicas para o carioca vencer no futebol gaúcho.

À semelhança dos jogadores, os torcedores deverão demonstrar uma grande disposição para acompanhar as partidas. Os torcedores da Geral do Grêmio e da Popular do Internacional assistem aos jogos em pé e em um local do estádio de difícil visualização das partidas. Dentro dessa torcida existe uma grande cobrança para a participação dos demais. Nos demais setores do estádio, a cobrança também ocorre. Quando os torcedores deixam o estádio antes do término da partida, os gritos de “já vai secador” são proferidos com frequência. Nos diferentes cânticos também se evidenciam a disposição dos torcedores para garantir a vitória. A torcida do Grêmio canta: “Esta noite custe o que custe/ Esta noite te quero ver ganhar”<sup>3</sup>. A do Internacional também mostra sua entrega pelas conquistas:

“E vamos Inter só te peço este Campeonato./ Atrás do gol eu canto, bebo e te quero mais./ Sou Colorado e nada muda este sentimento./ Porque é nas más que eu demonstro que te amo igual./ E vamos Inter não podemos perder./ E vamos Inter que temos que ganhar./ Daria a vida por um Campeonato, uma Taça a mais!”

Raça, garra e luta são atitudes esperadas dos jogadores e incentivadas pelas torcidas. A torcida do Internacional gritou o nome do argentino Guiñazu pelo esforço do atleta na conquista de um ‘precioso’ lateral no meio de campo. No Olímpico, o meia Roger distribuiu ao longo dos jogos alguns ‘carrinhos’ (onde nunca conseguiu recuperar a bola), foi aplaudido

---

<sup>3</sup> A forma gráfica como escrevi as letras dos cânticos é igual a dos sites das torcidas Popular do Internacional (<http://www.guardapopularcolorada.com/>) e Geral do Grêmio (<http://www.ducker.com.br>).

e teve seu nome gritado pela torcida em cada tentativa desse lance tão polêmico pelo risco de lesão que pode produzir.

Nos jornais, um jogador chegou a ser exaltado por ser “ex-meigo”. O treinador do Grêmio justificou que um de seus zagueiros poderia substituir bem seu colega, apesar de ser menos viril que o outro. Essas falas dirigidas aos atletas, que exaltam uma demonstração virilidade, de entrega, de esforço, atravessam também as construções dos torcedores. Junto com a Geral do Grêmio é possível ler as faixas: “Peleando até a morte”, “A vida por esse campeonato”, “Treino é jogo e jogo é guerra”. No Beira-Rio uma faixa continha os dizeres: “Verás que um colorado teu não foge a luta”.

A torcida, de todos os setores dos dois estádios, sempre exalta um jogador que ‘encara’ o adversário. O goleiro Renan do Internacional, o volante Eduardo Costa do Grêmio e muitos outros foram aplaudidos em diferentes jogos por mostrarem-se dispostos a resolver alguma ‘diferença’ via confronto físico. Para essa masculinidade dos estádios não se cogita fugir ou renunciar ao ‘convite’ de um confronto físico.

#### Violência como forma de socialização?

Para além dos confrontos físicos (de difícil recusa), xingamentos e cânticos ofensivos podem ser considerados expressões de violência dentro dos estádios? E para quem (ou contra quem) são proferidos os cânticos nos estádios? Chamar um sujeito de gay, homossexual ou “puto” é uma ofensa em si mesmo? Entender esses termos como ofensivos não seria, de certa forma, uma confirmação ou uma admissão de que os sujeitos com essas identidades ou adeptos de práticas homoeróticas são ‘inferiores’?

Mesmo que possa existir evidente distinção entre os termos homossexual, gay, bicha, viado (com ‘i’ mesmo) e tantos outros, a simples nomeação poderia ser entendida como ofensiva? Tal qual o ‘macaco’ é positivado no Beira-Rio, como se pode ver na faixa: “Bem vindo ao planeta dos macacos”, o tão cantado “puto” não poderia ser revertido e utilizado como termo afirmativo?

Parece que dentro das representações heteronormativas da nossa masculinidade colorada ou gremista, as identidades homossexuais aparecem sempre desvalorizadas. É esta lógica heteronormativa, onipresente e recorrente, que impede – nos estádios, espaço de marcação da masculinidade – a positividade do termo.

Nos estádios de futebol os gritos homofóbicos aparecem para hierarquizar a nossa torcida em relação à torcida deles. Eles (os ‘outros’) são menos justamente porque são

“putos”. Nesse contexto, não é toda e qualquer prática homoerótica que produz um “puto”, mas apenas as práticas como cantadas no Atirei o pau no Inter e no Grêmio: “chupar rola e dar o cú”. Os afetos entre machos de uma mesma torcida ou a violência sexual<sup>4</sup> contra o rival não colocam a masculinidade viril dos sujeitos em risco.

O que chama atenção é como esses gritos homofóbicos não são entendidos como violentos pelos jornalistas ou comentaristas e por alguns estudiosos do futebol. Eles podem ser lidos como uma prática ‘saudável’, o que ‘dá graça’, ‘faz parte do futebol’. Em outras palavras, estes gritos parecem ser, de algum modo, ‘naturalizados’.

Os xingamentos poderiam ser ‘apenas’ uma forma de socialização? Mesmo sem pensar nos efeitos educativos dos xingamentos homofóbicos para a construção das identidades dos sujeitos, por que então só a homofobia é ignorada como forma de violência nos estádios?

Para a construção de masculinidades viris em diferentes contextos, a violência aparece como conteúdo importante de socialização. Os próprios jogadores de futebol podem usar de enfrentamentos físicos ou jogadas ríspidas para imporem-se aos adversários. Os jogadores podem fazer faltas como recurso do jogo, sem deslealdade. A violência intolerável dos estádios de futebol são os confrontos físicos entre torcedores (ainda que sua ‘promessa’ seja permitida).

Afetividade: um amor de macho

Curiosamente, é nesse contexto de homofobia e violência potencial que aparecem grandes manifestações públicas de sentimentos ou de afetos masculinos. Os gritos de “te amo” dos estádios de futebol são incomuns na maioria dos contextos de nossa cultura heteronormativa: “Eu, nunca me esquecerei./ Dos dias que passei./ Contigo Inter!/ Colorado é coração./ Trago, amor e paixão./ Pra sempre Inter!”; “Grêmio eu te dou a vida/ tu é alegria do meu coração,/ sabe é um sentimento/ o que nós queremos é ser campeão”.

Em tempos de identidades múltiplas, fragmentadas, plurais, contraditórias, o amor ao clube é eterno: “Colorado, Colorado/ Nada vai nos separar/ Somos todos teus seguidores/ Para sempre eu vou te amar”; “Sou, sou do Grêmio/ Um sentimento/ Que não vai acabar”.

Outra situação ‘surpreendente’ é a grande possibilidade de contatos físicos entre os torcedores. Saltos de um lado a outro abraçados, a exposição de determinados corpos (jovens,

---

<sup>4</sup> Penetrar um outro homem ou receber felação podem ser entendidos, neste contexto, como agressão ao outro que perderia seu *status* viril.

definidos...) sem camiseta, a emoção e os abraços ‘desconhecidos’ na hora do gol... Os próprios jogadores, que possuem na virilidade um de seus atributos, abraçam-se com frequência.

Seria ingênuo, porém, acreditar que existe uma quebra das restrições quanto aos afetos entre homens nos estádios de futebol. Não se abraçam sujeitos tão desconhecidos assim. O amor ao clube é cantado por quase todos no estádio (por uns com maior intensidade que outros), porém os toques parecem mais restritos. É possível visualizar, inúmeras vezes, torcedores que comemoram absolutamente sozinhos em meio à multidão. Além disso, o abraço do gol não parece possível, por exemplo, entre um torcedor e os vendedores ambulantes dos estádios.

Além disso, não se deve esquecer que esses afetos acontecem na ‘nossa’ torcida. Nessa masculinidade ‘garantida’ (via investimentos constantes). É uma relação de carinho, abraços e afetos entre nós, os ‘possuidores’ da representação positiva de masculinidade. E mais, nesse contexto quem não ama é cagão, amargo... “Olha a festa macaco/ Torcida é coração/ Quem não canta é amargo/ Nunca vai sair campeão/ Inter cagão”. Nos estádios, amar o clube é coisa de macho!

#### A masculinidade subalterna da torcida rival

Talvez a mais significativa das perguntas desse trabalho seja: quais as masculinidades que aparecem nos estádios de futebol e de que forma se hierarquizam? Acho possível afirmar que existem claramente duas representações mais evidentes: a ‘nossa’ e a ‘deles’.

Nenhuma dessas duas representações pode ser entendida como uniforme, coerente, definitiva... Porém a masculinidade desejável, que garante status aos sujeitos é a de ‘nossa’ torcida. O processo de afirmação de nossa identidade masculina nesse contexto se dá especialmente e por oposição a construção da masculinidade deles, “Lá no bairro da Azenha há uma banda puta que faz avalanche./ Se encoxam o tempo inteiro e vivem correndo até dos xavantes./ Cuidado, ô Grêmio, nós vamos derrubar o chiqueiro!”.

Entendo que a ‘nossa’ masculinidade constitui-se na ‘superior’, na ‘melhor’, na ‘adequada’ dos estádios de futebol. Ações feitas pela torcida, elogios às atitudes dos nossos jogadores e a tradição do clube aparecem para ‘ascender’ graus de masculinidade. Botar a torcida adversária para ‘correr’, cantar mais, beber bastante aparecem como exaltação de nossos desempenhos, “Sempre louco atrás do gol acendendo um do bom/ Eu vou ... matar um

puto tricolor/ E depois de me chapar e a cerveja acabar/ Eu vou ... matar um puto tricolor/ Vamo Inter hoje temos que vencer”.

Mas é na masculinidade da outra torcida que a nossa garante a sua supremacia. Nesse contexto de produção da identidade de forma tão binária, é a partir da masculinidade inadequada deles que garantimos a ‘normalidade’ da nossa. Somos mais homens porque eles são “putos” e “cagões”.

Eles são “putos” também, porque não amam eternamente como nós (“até do céu”). São menos homens porque não bebem como nós, não são tão fiéis, não dão a vida por uma conquista e fogem de eventuais confrontos... “Diante do fim da vida não abro mão./ Quero a Bandeira do Inter no meu caixão./ E não importa o que o padre irá dizer./ Porque até lá do céu eu serei Inter./ Te amo Inter, não somos como os putos da série B”. Outra ação importante para a nossa masculinidade também, é não “tomar no cú”, ação tantas vezes proposta para a torcida deles.

“Eu só quero vencer lá no chiquero/ Que se foda a torcida do Internacional/ Vamo Grêmio, com força vamo em frente/ É o que pede a gente uma vitória a mais/ Passam os anos, passam os jogadores/ Geral está presente não para de apoiar/ Por isso eu quero cantar/ Grêmio de coração/ Eu te sigo a toda parte/ Tu és sempre o campeão/ Inter te conhecemos/ Grêmio não é como tu/ Colorado é tudo putu/ Vai toma nesse teu cú”.

Para tudo isso funcionar, isto é, para que essas representações façam sentido parece relevante estar em multidão. Esses xingamentos não parecem permanecer entre sujeitos individuais em outras circunstâncias que não os jogos. As masculinidades valoradas positiva e negativamente no Olímpico e no Beira-Rio parecem ser as mesmas. Em um confronto entre as masculinidades de gremistas e colorados o resultado, provavelmente, seria um empate. Se o jogo fosse entre masculinidades, gremistas e colorados estariam lado a lado.

## Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105-31.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1990.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

GUARDAPOPULARCOLORADA.COM. Disponível em: <<http://www.guardapopularcolorada.com/>>. Acesso em: 05 de jun. de 2008.

HAMILTON, David. Sobre as origens dos termos classe e curriculum. In: *Teoria & Educação. Dossiê História da Educação*. Porto Alegre: Pannonica, n. 6, 1992, p. 33-52.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica, 2004.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: OLIVEIRA, Roberto Carsoso de (Org.). *Marcel Mauss*. São Paulo, Ática, 1979, p. 147-53.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. “Educação” (verbetes). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil*. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=250>>. Acesso em: 21 de mar. 2008.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 9-27.

MIRZOEFF, Nicholas. Introducción. ¿Qué es la cultura visual? In: \_\_\_\_\_. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Ed. Paidós Ibérica, 2003, p. 17-61.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2003a.

\_\_\_\_\_. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª reimp., 2003b.

\_\_\_\_\_. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.